

A
essência
DA IGREJA

J. Scott Horrell



A
essência
DA IGREJA

J. Scott Horrell

FUNDAMENTOS DO NOVO TESTAMENTO PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA



© 2004 by J. Scott Horrell

Tradução
Lena Aranha

Revisão
João Guimarães
Edna B. Guimarães

Capa
Patrícia Caycedo

Diagramação
Atis Design

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

Coordenador de Produção
Mauro W. Terrengui

1ª edição - Dezembro 2006

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Julio, 620
04815-160 - São Paulo - SP -Tel/Fax: (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Horrell, John Scott

A essência da Igreja : fundamentos do Novo Testamento para a Igreja contemporânea / J. Scott Horrell ; [tradução Lena Aranha]. -- São Paulo : Hagnos, 2006.

Título original: From the ground up.

ISBN 85-89320-99-5

1. Igreja - Ensino bíblico 2. Igreja - Século 21
I. Título.

06-5150

CDD-262

Índices para catálogo sistemático:
1. Igreja : Ensino bíblico : Cristianismo 262

SUMÁRIO

Prefácio	07
Introdução: Correr em círculos e se enfraquecer	13
1. Aparência e substância: a <i>Igreja</i> nas Escrituras.....	25
2. O que é a Igreja universal?	43
3. Centrado em Cristo, descentralizado do mundo ...	61
4. O que aconteceu? Uma breve excursão pela história da Igreja	81
5. O que é a igreja local?	97
6. O que fazemos revela quem somos: funcionando como igreja.....	115
7. Pilares na estrada que levam à Igreja do Novo Testamento.....	137
Conclusão: o fim ou um novo começo?	157
Apêndice: quatro funções ou mais?	161



PREFÁCIO

Recentemente, sentei-me em uma pedra de uma igreja em construção que ocupa todo um quarteirão da cidade em uma das áreas mais caras de minha cidade adotiva, Dallas, Texas. Essa igreja, como várias outras que embelezam a vizinhança, emprega uma grande equipe para cuidar da decoração, do terreno e coordenar as muitas atividades relacionadas com a igreja. Embora umas poucas congregações possam florescer, outras igrejas notáveis enfrentam a crise financeira, e os líderes das igrejas desse último grupo pedem aos membros que socorram o prédio da erosão, quando não da bancarrota. Ironicamente, alguns membros dessas igrejas, no esforço para construir e manter as *instalações* – as que crescem ou as que lutam – pausam para considerar se a concepção que têm sobre o que uma *igreja* deve ser pode estar confusa.

É peculiar dos cristãos o conceito de que a construção de uma igreja e a equipe pastoral são o centro do trabalho de Deus no mundo, não apenas em muitas instituições tradicionais, mas também em quase todas as congregações mundiais. A construção pode ter aparência humilde e obsoleta ou ser gigantesca e nova em folha, como o centro neopentecostal, no Brasil, que se orgulha de ter salas para mais de cem mil adoradores. Contudo, quer a arquitetura seja contemporânea quer histórica (com campanário e tudo o mais), a teologia por trás é a mesma. Ela, com frequência, reflete uma tendência européia ou bizantina em relação ao prédio da igreja, considerado como o templo de Deus.

A disparidade entre as maneiras tradicionais de ser igreja (por mais antiga ou mais nova que a tradição possa ser) e a igreja retratada no Novo Testamento é impressionante. Atualmente, na maioria das igrejas ocidentais, as doações e recursos dos membros são canalizados originalmente para a construção e para o núcleo da equipe institucional. O propósito é estabelecer uma base de adoração com incursões ocasionais para ajudar os pobres e para alcançar os que estão sem Cristo. Além disso, Deus, como a História demonstra, usou esse tipo de igreja para a ampla multiplicidade de Seu povo.

Devo confessar, no entanto, como alguém envolvido em implantar igrejas em outros países, que sinto grande desconforto com nossa concepção de “igreja” e em como, no ocidente – ou, mais especificamente, nos países do Atlântico Norte – passou-se essa idéia para pessoas de outras culturas. As catedrais multiplicaram-se ao redor

do mundo, primeiro construídas conforme as plantas européias – não apenas em termos arquitetônicos, mas também quanto aos conceitos de igreja – e, depois, essas idéias são copiadas pelos membros locais como autêntica fé cristã. Muitas pessoas podem pensar que o declínio da cristandade européia e estadunidense é uma lenda que serve de advertência. Muitas cidades elaboraram a construção de igrejas como monumentos inertes da fé cristã, e essas construções representam o investimento de milhões de dólares e de dezenas de milhões de horas de trabalho de pessoas que se envolveram na obra.

Como nosso Senhor modelou a Igreja? A Bíblia fala da unidade espiritual de todos que foram regenerados ou que nasceram no Espírito. Ela chama essa realidade de “o corpo de Cristo”. A declaração específica da Igreja universal encontra-se, em especial, nas igrejas locais com todas as condições de humanidade e de fragilidade, bem como as culturais. As implicações desses simples ensinamentos do Novo Testamento são incrivelmente libertadoras.

À medida que entramos no terceiro milênio, muitos cristãos sentem uma crescente dissonância entre a forma pela qual “funcionamos como igrejas” e a mudança cultural do ambiente, independentemente de onde vivamos no mundo moderno. Parte dessa desarmonia deve-se à degeneração moral de muitas culturas mundiais. Independentemente de como entendamos os “últimos dias” descritos no Novo Testamento, não há muitos motivos para pensar que o mundo será cristianizado quando Cristo retornar. Uma razão, portanto, para que

as igrejas locais jamais se “ajustem” bem ao mundo é que, em certo sentido, a fé bíblica vital exala um aroma de morte para aqueles que não conhecem o Salvador. O Evangelho de Jesus Cristo contradiz os valores do mundo incrédulo. Outra razão, entretanto, para a desconexão entre a Igreja e os incrédulos, para quem ela foi chamada a servir, pode ser nossa má compreensão do que a Igreja é ou deveria ser. Isso é verdade tanto em Manila e no Cairo quanto em Chicago.

Como deveríamos conceber a igreja? Nem tudo nas Escrituras é transparente quando se trata da forma como os cristãos devem viver o milagre do “corpo de Cristo”. Contudo, com certeza, o padrão é claro. Neste livro procuraremos reajustar o conceito do que a Igreja deve ser de acordo com o Novo Testamento. Muita coisa não é nova, nem deveria ser. Até mesmo as velhas vinhas precisam ser podadas, e as novas devem ser amarradas aos pilares da Palavra de Deus.

Devo avisá-los que as reações à mensagem deste livro, tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos, têm sido fortes. Os seminaristas e os que trabalham para estabelecer novas igrejas aplaudiram a mensagem deste livro, ao passo que alguns líderes denominacionais não o fizeram. Nossas idéias preconcebidas, forjadas por nossas experiências, são profundas; isso é verdade para mim como para os outros. E não é incomum que professemos uma eclesiologia, mas vivamos outra totalmente distinta. Nosso Senhor tem mostrado incomensurável misericórdia ao longo dos dois mil anos da fé cristã, mesmo quando a Igreja desviou-se bastante dos parâmetros do

Novo Testamento quer por meio da forma quer por meio das aparências. Que este pequeno volume possa ajudar a inspirar um retorno ao aprisco – isto é, conceber e *viver* a doutrina da Igreja em harmonia com a vida *no* Espírito de Cristo.



INTRODUÇÃO

CORRER EM CÍRCULOS E SE ENFRAQUECER

As lagartas alimentam-se de flores e folhas à medida que caminham em longas fileiras no solo das selvas. Cada uma delas cabeceia a extremidade da que está atrás dela. E a vida continua.

Jean-Henri Fabre, naturalista francês, ao estudar um grupo de lagartas, conduziu-as até a borda de um grande vaso. Ele uniu a última lagarta à primeira, formando um círculo vivo sem começo nem fim. Ele supôs que, depois de algum tempo, as lagartas se cansariam daquela marcha repetitiva, quebrariam o círculo inútil e partiriam para uma nova direção. Esse, entretanto, não foi o caso.

As lagartas continuaram, hora após hora, dia e noite, na mesma velocidade em sua caminhada inútil.¹

Depois de vários dias, ele deliberadamente pôs a comida favorita das lagartas perto do vaso, em um local em que elas podiam sentir o cheiro, mas não ao alcance imediato do círculo. Mesmo assim, cada uma, como de praxe, seguiu outra à frente. As lagartas recusaram-se a mudar a rotina, persistindo, em vez disso, na mesma trajetória – dia após dia – no que se tornou, para elas, a marcha da morte.

As lagartas seguiam as experiências anteriores, o instinto, a tradição, os precedentes, os costumes, os padrões estabelecidos, o que sempre haviam feito. Elas, contudo, seguiam tudo isso de maneira cega. Elas confundiram *atividade* com *progresso*. Essas lagartas, apesar de terem as melhores intenções, a persistência e a firmeza necessárias, caminhavam para a morte.

O mesmo acontece, com frequência, com a Igreja. Muitas vezes, lembramos com gratidão nossas experiências anteriores na presença do Senhor. Lembramos, com saudade, o zelo de nosso grupo de jovens, os poderosos cultos evangelísticos ou certos coros e hinos de fé que nos tocaram fundo. A maioria de nós foi criada ou moldada pelas tradições da Igreja que, muitas vezes, apreciamos profundamente. Ansiamos que outras pessoas sintam *hoje* na igreja a mesma consagração e

¹ FABRE, Jean-Henri Casimir. *The life of the Caterpillar*. Trad. Alexander Louis Teixeira de Mattos. Toronto: McClelland, Goodchild and Stewart, 1916.

energia em Cristo que sentimos. Quando, entretanto, tentamos fazer no presente o que era feito no passado, nossa atividade não tem o mesmo poder. Formas antigas de vitalidade cristã nem sempre alcançam as novas gerações. Os métodos evangelísticos, comprovados e verdadeiros, dos antigos, hoje despertam em nossos vizinhos apenas um bocejo desinteressado – ou, pior, causam repulsão em vista dos estereótipos culturais atuais em relação aos crentes cristãos. Agora, as formas de adoração e de evangelismo que significaram tanto para nós parecem sem sentido quando tentamos transmiti-las às diferentes gerações e às pessoas provenientes de ambientes sociais distintos. Apesar do esforço conjunto de nossos líderes, os programas de nossa igreja, com frequência, também se tornam um hábito com o passar dos anos, sem força para penetrar na vida das pessoas sentadas nos bancos. Essa deterioração não se restringe às denominações tradicionais. Isso também caracteriza um bom número de igrejas independentes e pentecostais. Continuamos com as mesmas normas e métodos apenas porque funcionaram no passado, com a expectativa de que continuem a surtir efeito no futuro. Assemelhamo-nos, mais do que supomos, às lagartas.

MANEIRAS ANTIGAS E MANEIRAS MUITO ANTIGAS

Não podemos fazer nada, além de perceber uma relevante tensão entre a maneira de ser tradicional da

Igreja e o que encontramos na Bíblia. Hoje, muitas das formas e práticas das igrejas locais simplesmente não se assemelham às da Igreja do Novo Testamento nem ao que esta fazia. O indício é que os costumes, os padrões e a organização das igrejas de hoje, às vezes, atuam como barreiras ao real propósito da Igreja. A maneira habitual de ser da Igreja pode, de fato, anular o que ela deveria ser, conforme a ordenança de Deus. E essa tensão não pode ser apenas atribuída ao tradicional *versus* o contemporâneo, ao conservador *versus* o progressista, ou o tradicional *versus* o moderno. As questões são muito mais fundamentais. Dizemos, como cristãos, que a Bíblia – em especial, o Novo Testamento – é o fundamento de nossa fé e de nossa prática nas igrejas locais. Contudo, nossa herança eclesiológica – como conduzimos a igreja com todas nossas tradições e estruturas – revela uma mistura de práticas, algumas das quais encontram-se, de maneira considerável, fora do domínio do Novo Testamento.

QUATRO CONCEPÇÕES COMUNS DE IGREJA

Durante a década passada, um grupo de pastores, em São Paulo, Brasil, concluiu que a maioria das atividades de suas igrejas – que são típicas de dezenas de milhares de igrejas ao redor do mundo – gira em torno de quatro imagens centrais:

1. O prédio da igreja ou o “templo”

2. O domingo, o “sabá cristão”
3. O culto de adoração
4. O pastor de tempo integral²

Quando as pessoas pensam na igreja local, a compreensão delas orienta-se ao redor desses quatro conceitos de comando. Examinemos mais minuciosamente cada um deles.

○ PRÉDIO DA IGREJA

Primeiro, ser igreja significa ter propriedades de verdade: terreno e prédio – e quanto maior melhor. O prédio da igreja, seja uma loja em um *shopping center*, seja um terreno de muitos milhões de dólares com 162.000 metros quadrados, é considerado como a “casa de Deus”, o “templo” cristão, uma espécie de residência ou centro de atividades para a família cristã. Um edifício dá visibilidade e permanência. Se ele for novo, sentimo-nos bem com isso. Se for velho, sentimo-nos um pouco desconfortáveis (a menos que seja muito antigo e, por isso, sentimo-nos orgulhosos de novo). Dificilmente, percebe-se um grupo de cristãos se ele não tiver um prédio; é como um grupo

² KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. São Paulo: Abba, 1995, p. 37-56; e várias discussões de pastores em andamento em São Paulo até o presente. Veja também *Ultrapassando barreiras*. J. Scott Horrell, ed., 2 vols. São Paulo: Vida Nova, 1994-95.

de migrantes que passam pela cidade, e ao qual o povo fica indiferente ou não percebe. De maneira consciente ou não, o prédio da igreja, no pensamento da maioria das pessoas, é fundamental. O que *ofertamos* a Deus, ofertamos ali. O que *fazemos* para Deus, fazemos especialmente ali. Servir a Deus é servir na igreja. Para muitos cristãos, isso significa tanto *onde* servimos quanto *o que* podemos realizar.

DOMINGO

Segundo, ser igreja é “guardar o sabá”, o dia em que adoramos e servimos ao Senhor. Hoje, o domingo sabá é uma realidade manifestada de maneira mais explícita em outras partes do mundo do que nos Estados Unidos. Os muçulmanos em Jerusalém, Londres e Nairobi, por exemplo, adoram na sexta-feira; os judeus, no sábado; e os cristãos, no domingo. A prioridade da adoração aos domingos, contudo, ainda permanece uma tradição obrigatória nas igrejas estadunidenses, enquanto o mesmo não acontece com o legalismo sabático do passado. Quando uma pessoa faz algo para Deus em outro dia que não o domingo (“o dia do Senhor”), ela sente como se isso fosse algo extra – uma espécie de gratificação extra doada para Deus. É claro, a maioria das pessoas jamais diria algo assim. No subconsciente, todavia, muitas pessoas sentem que se vão à igreja em outros dias além do domingo ou se comparecem a algum evento ocasional de Natal ou de Páscoa é como

se tivessem dado hora extra na igreja. Bem, Deus pode até dever-lhes favores.

CULTO DE ADORAÇÃO

Terceiro, ser uma igreja significa ter culto de adoração – o ápice espiritual da semana. O culto de adoração é o momento em que a pessoa encontra Deus, e no qual Deus alcança o perdido. Para muitas pessoas, o culto semanal é o ato gerador de vida da congregação. Ele capacita os membros da igreja para a batalha semanal. Essa é a medida da força e da efetividade da igreja. No culto de adoração, a espiritualidade da igreja está em xeque. A preparação dele acontece ao longo da semana (ou com semanas de antecedência) para que as músicas, o drama, os testemunhos e a pregação sejam tão agradáveis e convincentes quanto for possível. Apesar de não dizermos isso com frequência, assumimos que o culto de adoração representa a plataforma de Deus e a atuação Dele, ou seja, a grande oportunidade semanal para entrar na vida das pessoas.

O prédio da igreja, a vida cristã centrada no domingo e o altamente poderoso culto de adoração – essas são as características que definem o que centenas de milhões de crentes concebem como uma igreja, uma *boa* igreja. Os líderes brasileiros quando refletem a respeito de suas congregações, incluem todos esses aspectos, além de outra importante marca do que a maioria das pessoas espera de uma igreja *de verdade*.

PASTOR DE TEMPO INTEGRAL

Em muitas partes do mundo, ser igreja significa ter um pastor de tempo integral. Na linguagem tradicional, o pastor é “o homem de Deus” – o líder, o profeta, o mediador, o confortador e o pastor das ovelhas do Senhor Jesus Cristo. O *pastor* e, melhor ainda, os *pastores* (igrejas *importantes* têm mais de um) são os que nos levam a Deus, e que trazem Deus até nós. Os pastores, diferente de nós, foram treinados para o ministério. Eles entendem Deus melhor que nós. Os pastores sabem como organizar e estruturar a igreja melhor que nós. A igreja sem um pastor profissional não é completa.

Os líderes de São Paulo (eles mesmos pastores), embora admitam que haja exageros na afirmação citada, concluíram que essa é a maneira que grande número de evangélicos concebe a igreja na América Latina. Outros afirmam que esse também é o caso na África, Ásia e Europa. Suponho que as mesmas idéias também sejam os fundamentos dos pressupostos na maioria das congregações dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que expressamos verbalmente nosso apoio às outras definições de igreja, nossa prática é bastante diferente. Se algum desses elementos, um ou dois deles, forem esquecidos – a construção, a observância do domingo, o essencial culto de adoração ou o pastor profissional – a maioria de nós se perguntaria se verdadeiramente temos, de alguma forma, uma igreja. Ou, de qualquer jeito, supomos que nossa igreja não é o que *poderia* ser. Na verdade, como veremos, nosso pensamento em relação à

igreja, com frequência, reflete mais o Antigo Testamento que o Novo, o que não deixa de ser surpreendente.

POR QUE LER ESTE LIVRO

Este livro em suas mãos serve como uma cartilha bíblica, uma espécie de *resumo* teológico a respeito da essência da igreja. A obra nasceu do esforço missionário de construir a Igreja de Cristo em culturas bem diferentes daquelas das igrejas mais estabelecidas dos Estados Unidos. Nesse sentido, este pequeno livro pretende servir como guia para a fundação de igrejas em situações que exigem um pensamento inovador, mas firmemente fundamentado na Bíblia. Em outro sentido, estes capítulos são destinados a todos aqueles a quem falta tempo (ou interesse) para investir em livros detalhados sobre eclesiologia, do princípio ao fim, mas para quem o assunto é importante – na verdade, vital – para a vida. Você pode pertencer à liderança da igreja e ser um homem de negócios que se envolve com muitos outros interesses, ainda que, às vezes, pergunte-se sobre o que significa ser igreja. Você pode se perguntar como fortalecer a igreja local, embora em sua mente ainda não esteja muito claro qual a função da igreja. Você pode ser um pastor que quer sair de uma agenda muito comprometida para retomar uma administração eclesiástica que se tornou difícil de controlar e (se for para a verdade ser conhecida) deprimente. Ou você pode estar em um

estudo bíblico e perguntar-se o que a igreja deveria ser, ou, até mesmo, ainda estar decidindo que tipo de igreja quer freqüentar. Este pequeno livro não resolve os aspectos específicos de como a igreja deve ser, nem discute as teologias sobre o batismo, a ceia do Senhor, os atributos do líder ou a disciplina da igreja. Ele serve apenas como um breve esboço dos contornos bíblicos sobre o que a Igreja de Cristo foi planejada para ser – e, desse modo, em um sentido inverso, também o que a igreja local *não* deveria ser.

Nosso estudo define a essência da igreja à luz do Novo Testamento e ajuda o leitor a avaliar as práticas correntes da igreja desse ponto de vista. Nossa prioridade é a definição de *igreja*, em especial, como ela pertence à Igreja universal e à congregação local. A *Igreja universal*, ou o corpo de Cristo, é parte da unidade e da diversidade de uma grande quantidade de povos de Deus; assim, a característica única da igreja e sua continuidade com toda a história da salvação são cruciais para o nosso pensamento. Idealmente, a *igreja local* é uma manifestação tangível do corpo de Cristo e suas atividades básicas são bem estabelecidas no Novo Testamento. Concluiremos com sugestões de formas de conceber e alinhar melhor nossas igrejas locais com a ênfase original da Igreja primitiva, enquanto pensamos de maneira criativa sobre nossos contextos do século 21. Se dissermos que nossas igrejas locais foram construídas sobre a Palavra de Deus, talvez possa ser o momento de reavaliarmos os muitos artefatos atulhados no porão da igreja os quais agora enchem também a área do estacionamento. Podemos

descobrir que o Novo Testamento nos deixa livres na igreja local para que sejamos, de forma mais eficaz, o corpo de Cristo em meio a um mundo necessitado, embora indiferente.

Por favor, compreenda que não sou um descontente que trocou as tradições e a normalidade pela periferia da fé cristã. Falo do ventre da baleia, pois pastoreei cinco vezes e ensinei em seminários teológicos em várias culturas do mundo. Achei que os pastores e os estudantes, tanto em conferências de pastores quanto em preleções em seminários, pareciam ansiar por uma saída daquilo que se tornou o buraco negro da administração e das atividades, o qual sugou nossas igrejas, a ponto de a liderança e tudo mais ficarem estéreis, em vez de terem a vida reabastecida em Cristo e estarem cheios da plenitude do Espírito. Muitas vezes, nossas igrejas têm apenas o verniz daquilo que o Senhor da Igreja pretendia para ela. Deus designou que a igreja estruturasse não apenas novos crentes, mas também os veteranos e os líderes da igreja.

No Novo Testamento, a Igreja é chamada de o corpo de Cristo. Esse conceito carrega implicações extraordinárias de como devemos entender a igreja local hoje. Precisamos experimentar novamente a liberdade eclesiológica e o vigor criativo do Novo Testamento. A eclesiologia bíblica permite-nos experimentar novas formas da igreja local que parecem muito diferentes dos padrões históricos e denominacionais que são familiares à maioria de nós. Isso não quer dizer que as formas das igrejas existentes são necessariamente erradas. Deus

nos deu considerável amplitude em relação à forma e à organização da igreja local. Contudo, uma coisa é óbvia: hoje muitas igrejas locais parecem bem diferentes da Igreja primitiva. Inevitavelmente, a modernidade e as diferenças culturais nos separam da Igreja primitiva – e isso é correto e bom. Faltam com frequência, em nossas instituições contemporâneas, todavia, os elementos indispensáveis da vida da Igreja do Novo Testamento. Sem responder de maneira clara à questão de *por que* a igreja existe e *o que* se supõe que ela deveria fazer, continuamos com nossa rotina como a da igreja vizinha e a da que fica mais abaixo na rua. Continuamos como lagartas, seguindo umas às outras em fila.